



História da Arte da Moda: um ensaio histórico artístico no tempo

Elaine Cristina Senko¹

Resumo: Nesse artigo será apresentado de forma dinâmica e com pontos focais a História da Arte da Moda em que a arte da vestimenta será demonstrada ao longo de etapas históricas da Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e com o advento da Moda como um dos estilos de arte da contemporaneidade. A explicitação dos marcos que desvendam as vestimentas das culturas com a posterior análise contemporânea da mescla entre arte e moda. Observando-se esse contato, por exemplo, através dos trajes dos gregos e romanos, das malhas e tecidos medievais, das combinações luxuosas do Ocidente e do Oriente na época moderna e dos estilos contemporâneos que ora realçam o prêt-à-porter ora o estilo pop e sincrético. Esse estudo favorece novos objetos históricos na área da História da Arte com uma nova abordagem através do sentido *arte-moda*.
Palavras-chave: História; Arte; Moda; Yves Saint Laurent; *arte-moda*.

Abstract: In this paper will be presented dynamically and focal points of the History of Art Fashion in the art of dress will appear along historical stages of Antiquity, Middle Ages and Modern Age with the advent of fashion as one of the styles of art contemporaneity. The explicitness of the landmarks that unlock the garments of cultures with subsequent analysis of contemporary blend of art and fashion. Observing that contact, for example, through the costumes of the Greeks and Romans, and medieval stitches fabrics, luxurious combinations of the East and West in the modern era and contemporary styles that sometimes enhance the prêt-à-porter style prayeth pop and syncretic. This study favors new historical objects in the field of Art History with a new approach through the *art-fashion* sense.

Keywords: History; Art; Fashion; Yves Saint Laurent; *art-fashion*.

Artigo recebido em: 02/04

Artigo aprovado em: 14/11

¹ Atualmente doutoranda em História pelo PPGHIS UFPR. Ministrante de cursos sobre a *História da Arte no Islã* e de *História da Arte da Moda*. Membro do NEMED – Núcleo de Estudos Mediterrânicos. E-mail: elainesenko@yahoo.com.br. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4247162T2>. Curitiba, Brasil.



“A roupa mais bonita para vestir uma mulher são os braços do homem que ela ama. Para as que não tiveram essa felicidade, eu estou aqui” (Yves Saint Laurent)

O interesse pelo estudo da História da Arte da Moda atinge minhas pesquisas quando naturalmente fui levada a um olhar complementar ao estudo da história, das leis da sociedade com um objeto mais sensível e revelador do tempo e das culturas. Essa sensibilidade que mantenho desde a infância ao transportar de dentro de nós a literariedade presente ou como compreender o Outro me fez parceira de leituras abstratas e artísticas. Durante meu aprendizado junto ao Museu Oscar Niemeyer em Curitiba/PR (concomitante a graduação em História UFPR, 2008-2010) estudando a História da Arte interessei-me por diversas correntes artísticas desde a arte renascentista do norte da Europa, a diversidade da arte brasileira até a Pop Art norte-americana². Ao mesmo tempo aos meus estudos acadêmicos sobre a história do islamismo me interessei sobre a arte/arquitetura do Islã desenvolvendo enfim cursos sobre esse meu interesse (História da Arte no Islã), de grande valia ao compreender o valor dessa cultura. Nesse sentido, destaco o grande interesse dos meus alunos (as) em conhecer sobre a arte no islamismo. Desse *métier* desenvolvi meu interesse contínuo sobre a História da Arte junto ao um novo objeto, a Moda (origem *Fashion* em língua inglesa). Descobri junto aos alunos (as) em sala de aula (sejam alunos do Ensino Médio Técnico ou sejam eles universitários) que a História da Arte aliada a historiografia é uma das principais portas de entrada para o interesse sobre o homem no tempo. Seguindo esse novo e interessante caminho me encontrei como historiadora da cultura, tanto pela busca das culturas dentro do repertório dos diferentes saberes (islâmico, cristão, judeu) na Idade Média ou com este interesse inerente por sempre estar próxima a

² Para tanto foi importante a leitura da obra clássica de História da Arte de GOMBRICH, Ernst. **Arte e Ilusão**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



Arte. Dessa forma apresentarei um breve panorama da arte aliada a estética/a moda dentro de um ritmo de historicidade.

O estudo da História da Arte da Moda é de constante transformação, pois a moda é um objeto dinâmico de análise e por isso mesmo instigante. Segundo Valerie Steele:

É útil lembrar que a palavra “moda” em inglês – *fashion* – é também um verbo, “moldar”, ou seja: confeccionar algo de forma específica. Não é só por meio da escolha das roupas que moldamos nossa aparência, mas também com penteados, linguagens corporais e comportamentos específicos. É claro que as mudanças no modo de fabricação de objetos como as roupas estão vinculadas a transformações socioeconômicas mais amplas, mas há também outros fatores causais, como as inovações no próprio campo da criação de roupas ou as escolhas individuais³.

A importância da *moda* como objeto histórico a ser estudado foi primeiramente lançada nos anos de 1960/70 com o movimento francês dos *Annales* e de outro movimento historiográfico denominado de Nova História Cultural. Mas a moda não é um objeto estático no tempo, ele é dinâmico, como Steele (2014) afirma:

A moda é também uma indústria global multibilionária, que emprega uma quantidade imensa de mão de obra internacional. De fato, seria melhor concebê-la como uma rede de indústrias, uma vez que o sistema envolve todas as atividades, desde a produção das matérias-primas até a manufatura, a distribuição e o marketing de uma ampla gama de itens – de vestidos de gala de alta-costura a calças jeans. A moda não existe apenas na forma de objetos, ma também como imagem e significado. Além dos profissionais que criam as roupas, muitos outros – fotógrafos de moda, jornalistas especializados ou mesmo curadores de museu – criam e disseminam imagens e idéias que nos comunicam o que essas roupas específicas podem significar⁴.

³ STEELE, Valerie. Prefácio. In: FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p. 6.

⁴ STEELE, Valerie. Prefácio. In: FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.7.



Acrescento o interesse do historiador pela História da Arte da Moda que vê através do vestuário o processo histórico-artístico do homem ao longo dos períodos. Por exemplo, na Antiguidade Ocidental temos na Grécia e Roma o uso intensivo das túnicas e togas:

Os trajes gregos e romanos têm muitos pontos em comum: ambos, por exemplo, exibem uma profusão de pregas e dobras. O traje romano tem duas combinações principais de peças: *tunica* e toga para os homens, e *tunica* e *palla* para as mulheres. A *tunica*, ou túnica, era a camada usada mais junto ao corpo, classificada como *inductus* (vestida). O formato essencial variava bastante dependendo da classe, da atividade ou do gênero da pessoa, assim como o material, que se relacionava ao status. Os homens usavam uma versão chamada quíton, mais tarde também usado na altura dos joelhos, enquanto a túnica feminina em geral era mais comprida e às vezes chamada de *peplos*. Ambas consistiam em um grande retângulo de tecido dobrado sobre o corpo e preso por fechos. O quíton dórico, mais simples, era geralmente de lã, enquanto o quíton jônico tinha um tecido mais fino, como linho macio ou até seda. A maciez do tecido significava maior flexibilidade decorativa nas dobras, incluindo pregas semipermanentes obtidas engomando e pressionando o tecido sob o calor do sol⁵.

Nesse estágio de explicação estamos começando a compreender o nível do sentido do conceito de *arte-moda*. Em outras culturas, fora a grega e a romana, temos desenvolvimentos particulares e intensos, como a produção dos tecidos indígenas aqui da América (América do Norte e América do Sul) destacando-se os geometrismos e outro exemplo é a demonstração da indumentária chinesa (aliada ao material da seda) e a indumentária japonesa com destaque não apenas a seda mais a quantidade de tecidos sobre tecidos (ou seja, a roupa em camadas).

Já na Idade Média pensemos como no Oriente temos o contato com a seda via China/Japão aos árabes pelo caminho da seda, resultando na retratação da luxuosidade das

⁵ FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.19. Para a verificação dos desenhos dos vestuários da Idade Antiga indico a consulta da importante obra: LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth**. São Paulo: Publifolha, 2009.



peças, ornamentos e essências (a *arte da perfumaria* que transitaria/transita entre Oriente/Ocidente). Esse saber da *arte-moda* para a cultura oriental é presente intensamente na vida das pessoas (homens e mulheres) e as destaca conforme sua posição social. Na Idade Média do Ocidente temos a cota de malha como identificador cultural mas que logo entraria em mutação:

Segundo historiadores da indumentária, o sistema contemporâneo da moda tem sua origem no século XIV. Nessa época, o traje medieval mudou significativamente, e a forma de se vestir se distanciou da silhueta simples em estilo camponês – baseada em uma combinação reta em forma de T, a cota – rumo a uma ênfase de inspiração francesa nos contornos e no corte. Ao mesmo tempo, a burguesia recém-surgida substituiu a hierarquia social da propriedade feudal, em que o status, a riqueza e o título dependiam da aquisição de terras concedidas pelo rei em troca do serviço militar. A cidade tornou-se um centro de comércio cujas atividades incluíam ofícios ligados à moda: vendedores de tecidos, costureiros, sapateiros, fabricantes de meias, chapeleiros, fabricantes de aviamentos e alfaiates. Em pouco tempo, roupas desejáveis se tornaram amplamente acessíveis para um maior número de pessoas de todas as classes sociais⁶.

O que chama a atenção é o contato social e troca cultural estabelecido sob o viés de um ornamento do vestuário medieval masculino, o *capuz liripipe*. Esse simples acessório desvenda algo do contato e diálogo entre cristãos e islâmicos, pois este capuz é feito em estilo de turbante, muito utilizado pelo rei de Castela, Filipe I (século XV). O desenvolvimento de roupas e acessórios luxuosos foi barrado pelas várias leis suntuárias promulgadas por reis como da França e Inglaterra. Entretanto, as várias leis suntuárias

⁶ FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.42. Para a verificação dos desenhos dos vestuários da Idade Média e Idade Moderna indico a consulta da importante obra: LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth**. São Paulo: Publifolha, 2009.



foram perdendo forças para um movimento mais forte no final da Idade Média, o chamado “renascimento” do norte e sul europeu.

No período do “Renascimento”⁷ do sul e norte europeus a valorização da estética greco-romana estava em voga. Isso muito por conta do contato de Veneza, Gênova e Florença com a representação oriental e, por isso, essas cidades recepcionaram e desenvolveram uma mescla do luxo oriental com a valorização grega clássica. Conforme Marnie Fogg, a indumentária renascentista:

Compreendeu o florescimento da literatura, ciência, arte, religião e política, com um desenvolvimento concomitante de uma moda mais formal e uma rígida formalidade em lugar do corte que realçava o corpo das roupas da Europa medieval. A invasão da Itália em 1494 pelo rei francês Carlos VIII, que reinou de 1483 a 1498, iniciou a infiltração da moda renascentista no restante da Europa. Com o avanço do século XVI, uma silhueta cada vez mais estruturada, que ocultava os contornos do corpo, passou a definir a posição social de quem a exibia. Na Inglaterra, Henrique VIII, rei de 1509 a 1547, usava roupas abarrotadas de pedras preciosas para reforçar seu status de príncipe mais cobiçado da Europa renascentista e estabeleceu a tendência do consumo onipresente. Sua redistribuição de terras eclesiásticas após a dissolução dos mosteiros enriqueceu novas famílias, todas ansiosas para se mostrar dignas do qualificativo “nobre” e se apropriar dos trajes da elite elegante, que incluíam peças extravagantes, enfeitadas e cravejadas de jóias. As roupas eram uma parte significativa dos gastos de uma residência, uma vez que a burguesia afluyente passou a exigir tecidos de luxo como cetins multicoloridos, veludos estampados e brocados das fábricas de cidades italianas como Gênova, Lucca, Veneza e Florença. Nessa época, a Itália monopolizava a fabricação do tecido de ouro – uma fazenda enriquecida com caros fios de metal – e veludos finos, situação que perdurou nos séculos posteriores⁸.

⁷ Considero os vários “renascimentos” como o carolíngio (VIII-IX), o islâmico medieval (VIII-XIV) e o europeu do sul e do norte no final do medievo (XIV-XV).

⁸ FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.48-49.



A estética dos séculos XV e XVI na Europa da Idade Moderna seguiu em parâmetros gerais o que Marnie Fogg apontou, já no século XVII os tecidos acompanharam o pioneirismo inglês com a Revolução Industrial. Os tecidos começaram a ser confeccionados em grande escala e padronizados, raramente com o intuito individual dos séculos anteriores. E em Paris vivia-se também um novo e estimulante panorama sobre o sentido de *arte-moda* moderna e contemporânea:

No século XVII, Paris estabeleceu sua reputação como centro de artigos de luxo, mas a cidade só se tornou o epicentro do estilo no século XVIII, quando o moderno sistema de moda começou a surgir como resultado de vínculos mais estreitos entre a corte e a cidade, do aumento do consumo visível entre os parisienses, com exceção apenas dos mais pobres, e da expansão da mídia impressa. Em 1715, Filipe de Orléans decidiu governar como regente de sua residência parisiense, o Palais Royal, onde vivia com a amante Madame de Parabère. O casal dava o tom cultural do período, no qual o *beau monde* da elite se misturava sem constrangimento ao *demi-monde* no teatro, nos jardins do Palais Royal e, mais especialmente, nas butiques das *marchandes de mode* (vendedoras de moda), joalheiros e chapeleiros do eixo formado pela Rue Saint-Honoré e pela Rue de La Paix. Jornais, almanaques, revistas de moda e até mesmo diários de viagem louvavam as butiques da capital como destinos de cultura: locais de mudanças culturais rápidas onde se podia conviver com a nata da sociedade, admirar estupendas coleções de curiosidades, adquirir conhecimentos sobre outros países e, muito importante, comprar roupas da moda⁹.

A moda a partir desse momento já tinha um sentido pleno e já tinha interiorizado o sentido de arte do vestuário. Por isso apresentaremos daqui em diante marcos na história da arte da moda. Depois da estilização parisiense que vimos acima, já aparece a representação do rococó nas roupas, o cavalheirismo inglês do século XVIII, os estilos neoclássicos a partir da Revolução Francesa de 1789, em seguida de 1800 a 1899 predominou o vestuário

⁹ FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.94-95.



romântico¹⁰. Mas em meados do século XIX ocorreu o nascimento que os especialistas em moda denominam de “alta-costura”:

Em meados do século XIX, a riqueza não significava mais apenas a propriedade da terra e começou a ser substituída pelo dinheiro “novo” produzido pelo comércio, pelo mercado financeiro e pela indústria. Como resultado, a moda não estava mais restrita às classes mais altas. O período subsequente de consumismo burguês e de crescimento do comércio criou a necessidade de um sistema de moda que até então tinha se baseado quase que basicamente nas habilidades de costureiras. Foi o estilista britânico Charles Frederick Worth (1825-1895) que elevou as modestas técnicas de costura para o patamar da “alta-costura” – termo originalmente usado para descrever uma costura de grande qualidade. Graças ao talento de Worth para a autopromoção e seu tino para os negócios, a expressão passou a identificar técnicas de roupas feitas sob medida e moda sofisticada, com Worth à frente do primeiro ateliê de alta-costura, e como força primária responsável pela transformação de uma arte basicamente doméstica em uma indústria internacional¹¹.

O estabelecimento da “alta-costura” ocasionou disputas entre estilistas (entendidos como artistas da moda) cada vez mais intensas. Um dos estilos de moda que se destaca na virada do século XIX para o XX foi o aclamado Belle Époque:

O período conhecido como Belle Époque (c.1890-1914) corresponde mais ou menos ao divertido e sensual movimento Art Nouveau. Durante o reinado de Eduardo VII, a sociedade viveu a transição dos rígidos valores vitorianos para o que era percebido como uma era de afrouxamento da moralidade. O divórcio ficou mais fácil e as idas nos fins de semana às casas de campo permitiam a liberdade sexual dentro do casamento. Na França, o *beau monde* e o *demi monde* continuavam a se misturar, e os milionários disputavam os favores das grandes cortesãs. Essas mulheres usavam vestidos de alta-costura, enfeitados com pedras

¹⁰ Para a consulta ao estudo da indumentária do século XIX, ver: LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth**. São Paulo: Publifolha, 2009.

¹¹ FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.172.



preciosas e jóias vistosas de joalheiros reconhecidos como Cartier, e esse novo poder recém-adquirido ajudou a tornar aceitável a sexualidade feminina¹².

Como vemos a história da sexualidade feminina faz parte da história da moda. A moda foi um dos meios de expressão feminina ao longo dos tempos e foi através também dela que revolucionamos o nosso jeito de ser e de se representar na sociedade.

O vestuário mais prático, ou seja, do dia-a-dia aparece no início de 1900 e se propaga como uma intenção do século XX¹³. As mulheres adentrando mais intensamente empregos em diferentes áreas em ambientes da política democrática faz com que a moda acompanhe e se torne mais usual e dinâmica. Até os vestidos de gala aparecem para as mulheres com a tendência “básico” como é o caso do vestido “pretinho básico” de 1926 (pioneirismo de Coco Chanel). Ao lado dessa tendência houve o chamado design construtivista russo para a moda que foi um resultado das demandas pós revolução russa de 1917. Para os homens a moda moderna destacou a calça Oxford (c.1925), para mulheres e homens o incentivo ao design de roupas esportivas como a camisa de tênis masculina de 1920 lançada por René Lacoste, o design de malha. Mas o ícone de época (c. 1930) foram as apropriações de trajes masculinos para mulheres na Europa e o glamour hollywoodiano pós depressão de 1929 nos Estados Unidos.

Durante o período da Segunda Guerra Mundial passou se nos Estados Unidos uma forte moda conservadora e universitária, a época dos bobbysoxer (traje de saia e suéter). Foi durante a primeira metade do século XX que a moda dita moderna desenvolveu-se na Itália e que também era um dos lugares importantes de recepção da moda francesa. Já o auge da alta costura na Europa é alcançada pelo estilista-artista francês Christian Dior em 1947 com sua linha Corolle e nos Estados Unidos com o ideal hollywoodiano representados pelo vestuário, por exemplo, do ícone Marilyn Monroe. A glamorização da moda estava se

¹² FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.196.

¹³ Sobre a escolha da intenção por parte dos artistas e da escolha de um tempo, ver: BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



esgotando quando um jovem artista trouxe para a estilização de roupas o que elas precisavam: uma mistura de simplicidade com o eterno glamour. Este jovem se chamou Yves Saint Laurent (1936-2008). Conforme Fogg:

Yves Saint Laurent (1936-1965) nasceu em Oran, Argélia. Em 1958 foi designado estilista chefe da Dior, lançando com sucesso a “linha trapézio” como sua primeira coleção. Depois de servir no exército francês em 1960, foi posteriormente declarado incapacitado para o serviço e sofreu um colapso nervoso. 1966-2008 Saint Laurent e seu sócio, o industrial Pierre Bergé, abriram sua própria maison de moda com recursos do milionário J. Mack Robinson, de Atlanta. Em 1966, a primeira loja Rive Gauche, vendendo a linha prêt-à-porter inovadora, foi inaugurada no 6º *arrondissement* de Paris. Aposentou-se em 2002 para viver em suas casas na Normandia e no Marrocos, e foi agraciado com o título de Grand officier de La Légion d’honneur em 2007, um ano antes de morrer¹⁴.

Dentro de minhas pesquisas sobre a História da Arte da Moda dedico minha atenção as obras estéticas de Yves Saint Laurent. Com uma biografia intensa, o estilista-artista demonstrou o que seria a arte pop nas roupas contemporâneas quando se inspirou incansavelmente em pinturas e trabalhos artísticos. Um desses resultados foi o vestido Mondrian de 1965, homenagem direta de Laurent as pinturas do artista neoplasticista Piet Mondrian da década de 30. Ao lado dessas criações, Yves Saint Laurent renovou o antigo prêt-à-porter com sua famosa coleção de 1966, *Le Smoking* e foi um dos primeiros estilistas a romper com o conservadorismo e colocar como modelos em seus desfiles pessoas negras e de outras culturas. Ora, o que achamos “natural” na arte da moda dos dias atuais foi propagado pelo pioneirismo de sincretismo cultural e de defesa do feminismo por Yves Saint Laurent. Outros estilistas acompanharam esse pensamento e o resultado disso foi o *status quo* da história da arte da moda atual em que as trocas culturais formaram o que

¹⁴ FOGG, Marnie. *Tudo sobre Moda*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p.361. Nesse sentido biográfico indico o filme de Yves Saint Laurent: *Yves Saint Laurent* (França, 2014), direção de Jalil Lespert.



conhecemos como: o hippie chic; o uso intenso de malhas lycra e jeans; a moda punk e o uso do prêt-à-porter a base de couro; a cultura do estilo de rua do hip-hop; a antimoda; chegando a moda biosustentável e com responsabilidade ética; o vestuário de festival de música e as vendas on line de variados tipos de estilos de vestuário. Yves Saint Laurent foi um dos principais estilistas-artistas que abriram a porta para o sincretismo artístico e do artista com alma presente na referência que se quis passar adiante. Ora, são as realidades históricas transparecendo sob o manto da moda.

Portanto, essa parte do caminho do que foi apresentado sobre História da Arte da Moda traduz em *flashes* a importância do estudo de tal área para a História e para as humanidades de maneira geral. Em permanente aprendizado através do objeto histórico da *arte da moda* podemos juntar mais uma das peças do quebra-cabeça sobre o passado dos homens no tempo.

Bibliografia



BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção:** a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre Moda.** Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

GOMBRICH, Ernst. **Arte e Ilusão.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LEVENTON, Melissa (org.). **História ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Racinet e Friedrich Hottenroth.** São Paulo: Publifolha, 2009.

Filme: **Yves Saint Laurent (França, 2014)**, direção de Jalil Lespert.